

Editorial

ainda assim, o dou a lume...

Com esta frase profundamente subversiva, Maria Firmina dos Reis lançou suas palavras ao mundo em pleno século XIX silenciador e escravocrata. Sua enunciação pulsa profundamente em nós no tempo que é o nosso, nos permitindo imaginar um passado de luta e criação, para que possamos construir futuros abertos e uníssonos.

Tudo aquilo que acontece no presente é passível de mudança e, por isso, sabemos que estamos vivas. A revista *Firminas – pensamento, estética e escrita* é fruto de ideias, buscas e anseios de duas pesquisadoras negras, e do entusiasmo, confiança e experiência de uma editora e fotógrafa também negra; navegantes do presente - um tempo cuja matéria-prima se forma e se firma na encruzilhada: entre o pretérito que nos alerta e fortalece e o porvir que nos desafia e convoca.

Olhar para trás e saber que nossos passos vêm de longe é uma tecnologia que nós reconhecemos, pois nela fomos educadas. Também nos foi ensinado que a roda abarca o tempo em sua própria fibra, o movimento: a roda não foi inventada agora, mas é acrescida de todas nós, a cada ato. Ao contrário da torre, que é fixa e imóvel, a roda é maleável e generosa: nossas férteis potências e caminhos.

O presente nacional em que nos encontramos é um tempo de portas fechadas e grandes retrocessos, mas, se o eterno retorno ao agravo colonial reafirma-se como marca indelével da nação, para pretas/os, ameríndias/os, quilombolas, periférica/os, não constitui novidade. Mulheres negras que somos, sabemos de onde vem e quais são nossas heranças, nossos bens: não é de hoje que nos vemos diante de condições absolutamente desfavoráveis de existência e resistimos, reexistimos, criamos outra vez linhas de fuga, outras saídas. Hoje, mais do que nunca, está visível no Brasil que vidas e narrativas importam apenas quando ecoam vozes hegemônicas, o poder, o cânone. Porém, desde Maria Firmina dos Reis afirma-se “vidas negras importam”: nossas histórias e memórias, nossos pensamentos e imaginários.

A revista *Firminas - pensamento, estética e escrita* tem em Maria Firmina dos Reis sua principal inspiração. Sua conduta intelectual ativa e política, sua diversidade de linguagens e formas, seu humanismo e visão. A partir de sua presença e legado, a *Firminas* se apresenta como um território assegurado para as produções intelectuais de mulheres negras, dentro de toda sua diversidade. Seu nascimento responde a um cenário de silenciamento sistêmico e apagamentos concretos, propondo-se ser um veículo de fundamentos e práticas insubmissas.

Dentro do universo em que adentra, *Firminas* celebra sua especificidade: uma revista feita por mulheres negras. Mas aquilo que a torna específica amplia seu alcance coletivo: justamente por privilegiar o aporte das intelectualidades de mulheres negras, a revista agrega também a participação de outros atores, alinhado-se assim à perspectiva transversal do pensamento do feminismo negro, ancorado no projeto de construir mundos para todos, de refletir sociedades plurais, coletivas e realmente democráticas. Partindo deste horizonte epistemológico e ético, a revista preza pela presença da alteridade em seu arcabouço. A autoria de mulheres negras na literatura brasileira é histórica, pluriversal¹, diversificada, constante, fundadora. Realiza-se em diversos gêneros e formas, espraia-se em múltiplas plataformas, conecta uma comunidade leitora, ativa cognições, rearticula planos de vó e funda outras linhas de fuga. Provoca futuros. Repensa a História. Nos localiza no presente. O silenciamento sobre essa autoria é sistêmico, e este silenciamento tem organizado o cânone literário desde o início, dado que a literatura brasileira é constituída sobre bases de gênero e raça visivelmente demarcadas: masculina e branca.

A presença de vozes, pensamentos e obras de mulheres negras no Brasil solicita urgentemente que repensemos a circulação de textos capazes de corromper/curtocircuitar/fraturar o sistema literário brasileiro, profundamente silenciador. Estar viva, nesse momento, não é apenas respirar, é também existir, criar, teimar, ousar e resistir. Lançar-se em defesa de territórios livres e igualitários, potencializar novos: aquilombar. Dessa chama nasce a revista *Firminas*: como um território para o livre pensamento e expressão de mulheres negras.

Neste oriente a *Firminas* lança sua âncora.

¹ conceito de Mogobe Ramose.